

O MUITO FALADO E INEXISTENTE PROGRAMA DA "SEARA NOVA"

por M. RODRIGUES LAPA

TODO o grupo de doutrina e acção política tem um programa, renovado de quando em quando, mas enfim um programa em que estão claramente definidos os objectivos imediatos do partido. Nas facções políticas é isso tão importante, que o segredo de muitos êxitos eleitorais depende muito mais da sedução das promessas que do valor dos seus homens. O político tem perfeita consciência desse fenómeno; e, uma vez ganha a eleição, fica esquecido o espalhafatoso programa. E' que o político não é obrigado a ter uma filosofia nem talvez uma elevada moral; tem sobretudo de adaptar-se às circunstâncias do momento e sacar delas o melhor proveito para os seus interesses sectários.

Ora a gente da *Seara Nova* não se constituiu apenas como um agrupamento político, embora tenha sido esse o seu mais relevante papel; é um grupo que tem um tipo de cultura, uma filosofia, uma moral. E como os conceitos, em matéria de cultura, filosofia e moral, têm uma fluidez abstracta que não possuem os negócios da política, daí a impossibilidade teórica de agrupar todos os seareiros sob um mesmo credo, uma só bandeira.

Contudo, se não há programa escrito, há um breviário invisível, tecido de regras fundamentais que se impõem à consciência de todo o seareiro. Esse regimento, que os olhos não vêem mas cuja presença o espírito perfeitamente adivinha, já tem sido chamado a intervir, exercendo uma útil pressão disciplinar, expurgando a *Seara* de elementos que lhe não convêm, porque legitimamente lhe não pertencem. E' por este lado negativo, *a contrario sensu*, que podemos talvez averiguar em que consiste esse programa ideal, esse regulamento de consciência.

Em matéria política, a *Seara Nova* nunca se arregimentou a nenhum partido, guardou sempre avaramente a sua independência, o seu *franc parler*. Daí a sua incontestável autoridade cívica. Lembremos a atitude desassombrosa dos seus homens contra a política aventureira dos improvisadores da velha democracia. E como essa hostilidade redobrou com o advento do novo regime, já por aqui se pode ver ou pelo menos vislumbrar o fundamental conceito político que norteia a família seareira: um socialismo eficiente, orientado para as soluções da técnica moderna, expresso aliás, mais ou menos claramente, através de toda a revista. Este socialismo veio substituir e muitas vezes combater uma forma de radicalismo muito em moda, que só tinha de avançado o modo truculento como atacava os padres e a religião, mas que se mancomunava, podendo ser, com os príncipes da plutocracia e da finança, tradicionais inimigos da democracia.

Essa posição intransigente na defesa dos princípios duma democracia social teve por consequência a hostilidade mais ou menos velada dos partidos republicanos que então disputavam o poder. Os idealistas da *Seara Nova* metiam medo aos senhores da governação, que nas colunas da revista, com nobre desassombro, viam postas a nu as suas misérias e traições. Sopraram novos ventos; e o grupo, coerente consigo mesmo, logo se pôs na primeira fila da opposição, enquanto outros se bandeavam facilmente com os vencedores. Daí por diante tem sido sempre um ferrenho combate, travado com armas desiguais, é certo, mas com o vigor desesperado dos que preferem morrer a ceder um palmo de terreno. E estamos nisto. Outras forças têm surgido, e os seareiros, ontem apodados de perigosa-

mente avançados, já hoje se vêem uma ou outra vez escarnecidos de “reaccionários”. E’ uma injustiça cruel. Desiludam-se as gentes: há nesse programa invisível da *Seara Nova* lugar para todas as inovações, para os mais atrevidos cometimentos. Com uma condição apenas: que essas audácias generosas sirvam o povo e não uma facção e que as liberdades fundamentais sejam quanto possível salvaguardadas. Por liberdade fundamental entenda-se não o direito de ser poderoso e de expoliar os outros, mas o de viver dignamente a vida, sem temor da penúria e de acordo com as suas próprias capacidades.

Em matéria de cultura, num país atrasado como o nosso, os democratas da *Seara*, pertencentes por via de regra às profissões liberais, dão por vezes a impressão de uma aristocracia, de um grupo de senhores a comandar um populacho ignaro de vilões. Até certo ponto é justificado este reparo, e isso surge das circunstâncias em que se promove entre nós a obra de cultura e do fundo desnível das suas classes. Não se nega que tenha havido e haja ainda porventura no grupo seareiro o chamado espírito de elite, que cava abismos quase intransponíveis entre o agente e o objecto da cultura. Tem sido esse um dos pequenos dramas da vida íntima da *Seara*. À falta duma solução perfeita, impossível ainda pela insuficiência mental das massas democráticas, sempre houve a tendência, e agora mais do que nunca, para levar aos menos letrados instrumentos fáceis de cultura. É esta a origem dos *Cadernos da Seara* e dos *Textos Literários*, que iniciaram, pode dizer-se, uma vasta literatura de formação cultural.

Há quem negue a estes propósitos de divulgação o nome de cultura — ainda há pouco o vimos escrito nas próprias colunas da nossa revista, por uma ironia bem curiosa! Mais uma prova desse espírito aristocrático, característico duma duvidosa elite, que toma a cultura como um privilégio de classe, inacessível ao pobre vulgo. Há uma crueldade profunda e uma injustiça

flagrante nesta maneira de pensar, porque representa, em última análise, transferir para os domínios da inteligência as desigualdades revoltantes que ainda se observam na esfera económica e social. Quaisquer que sejam as opiniões dum seareiro a esse respeito, ele não pode deixar de considerar que os benefícios da cultura devem ser igualmente repartidos por todos e que o seu próximo objectivo não pode deixar de ser o homem comum. Ora para se fazer chegar a cultura ao homem comum, no estado actual dos seus conhecimentos, requere-se uma paciência, um tacto, uma simplicidade, uma abnegação, um saber, digamos, que o chamado homem de elite quase nunca possui inteiramente. Elites que saibam compreender as aspirações do comum e saibam comunicar-lhe, por uma transfusão milagrosa, tudo o que sentem e quanto saibam — dessas elites é que a nação precisa, e é a essas que o espírito civilista da *Seara* rende preito e homenagem.

Para essa virtude da comunicação torna-se indispensável um estilo claro, que fuja à retórica tradicional e a um gongorismo retorcido, em que o português culto ou semi-culto de ordinário se compraz com delícia. Podemos adoptar esta divisa: «quem não pensa claro, não é dos nossos». Por isso o seareiro perfilhou entre todas as filosofias a que lhe desse uma possibilidade maior de clareza, por isso adoptou o racionalismo de mãos dadas com o espírito científico, em cujas possibilidades acredita generosamente, como a todo o momento lhe está gritando a experiência. Conhece os limites da razão, compreende que ela não pode abranger a verdade total e que há fenómenos que se explicam para além dela e até mesmo contra ela. Eventualmente não hesita em lançar mão doutras filosofias para os interpretar; mas como o político constitui para ele um interesse primordial, por estar na essência de toda a actividade do homem como ser convivente, é na filosofia da razão que vê a melhor resposta às suas interrogações. Já lhe quizeram propor outra filosofia; o seu

instinto de ordem e clareza repudiou-a logo, como avessa aos interesses espirituais e sociais que se encarregou de defender.

Finalmente, o seareiro tem regras de conduta moral que não constam de regulamentos especiais, mas que se deduzem lógicamente de tudo quanto acaba de ser dito: Antes de mais nada, uma perfeita lealdade para consigo próprio e para com os outros; uma sinceridade indemovível, transparente em tudo quanto faz e escreve; a austeridade e a humildade dos homens que se não pertencem e cuja vida é dedi-

cada a um grande ideal de libertação. Santos? Não, apenas homens, que procuram dominar e suprir as suas inferioridades e olhar para os demais com olhos complacentes. Cidadãos que desejariam chamar todos os outros ao seu nível e formar com eles uma pátria alegre, próspera e verdadeiramente ditosa. Eis o nosso programa, o nosso regulamento. Não se quer muito minucioso, para não constrianger demasiadamente. Nem é preciso escrevê-lo: está bem impresso nos nossos corações.



DIANTE DO POETA MORTO O RESPEITO DOS DEUSES

— Na morte de Gomes Leal —

Eu nunca os insultei! Deixai-os repousar.
GOMES LEAL — *Os Deuses Mortos.*

*«Ei-lo: o Poeta morreu!... Cantou a vida inteira.
Febril inspiração a mente lhe acendia.
Silêncio, ó Terra! ó Sóis! E na alcova vazia
nem uma luz sequer o vela à cabeceira!*

*«Do Sonho ele escalara a alta cordilheira;
a Canalhá exortou; rugiu à tirania;
as flores decompôs com mágica alquimia;
e às noites namorava os astros na trapeira.*

*«Foi um justo e um rebelde... um poeta, um visionário!
O capricho da Glória e do Destino vário
negara ao Génio um prémio, uma afeição, um lar.*

*«No abandono morreu dos grandes ignorados!
Erguera aos Reis e a nós os seus punhos cerrados;
mas não nos insultou... Deixai-o repousar!»*

SANT'IAGO PREZADO